

# SET 1988 Choque na economia <sup>16</sup> SET 1988

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

União

O deputado José Lourenço, líder do PFL, fazia-se eco ontem das apreensões de que a inflação este mês possa alcançar níveis situados entre 23 a 24%. Se isso vier a se confirmar na prática, é da opinião de que o fato não pode passar despercebido e ao Governo não restaria outra alternativa senão a de decretar novo choque na economia. Essas preocupações com o delicado quadro econômico nacional foram no início da semana transmitidas por Lourenço ao presidente da República, que na ocasião procurou tranquilizá-lo a respeito, informando-lhe que a inflação de setembro não ultrapassaria a casa dos 20 a 21%. No entanto, os jornais de ontem publicaram informações pessimistas, que não coincidem com as expectativas de Sarney. Segundo o noticiário, a coleta de dados feita pelos órgãos especializados do Governo, encerrada ontem, conclui que a inflação de setembro deve ficar entre 23 a 24%.

Se confirmados esses dados, acha o deputado José Lourenço que impõe-se ao Governo adotar as medidas enérgicas que a situação requer. De acordo com o líder do PFL, o Governo não assistirá inerte a um processo que no seu bojo possa nos ameaçar com a hiperinflação. Ressalva que um dos receios do presidente Sarney e das autoridades econômicas é a de que existe ainda um raho déficit público, que na prática pode comprometer o êxito de qualquer choque econômico.

Quando se faz menção ao fato de que a aplicação de um novo choque não contaria com a solidariedade da opinião pública, pela falta de credibilidade do Governo, em virtude do fracasso dos dois planos anteriores, o deputado José Lourenço recorda que em Israel a experiência só deu certo em sua quarta tentativa. Observa, porém, que o Governo israelense, para ter êxito em seu plano, contou com o apoio do Likud e do Partido Trabalhista, os quais deram no parlamento o seu aval às medidas tomadas. Adverte, no entanto, que o Governo de Israel resolveu entrar duro no combate ao déficit público, penetrando em verdadeiro santuário político, representado pelas verbas do Ministério da Defesa, que acabaram sendo dadas.

O problema, segundo todos os observadores, é que a política do feijão-com-arroz do ministro Maílson da Nóbrega, adotada até aqui, não se tem revelado suficiente para conter a inflação. Em julho a inflação foi em torno de 24%, em agosto ela regrediu, mas agora volta a retomar seu antigo pique. O que é pior: ainda não chegamos aos três meses de maior pressão inflacionária — outubro, novembro e dezembro. Há o temor de que, num cochilo, mantidos os atuais critérios, a inflação venha a escapar ao controle das autoridades econômicas, alcançando taxas que se aproximem dos 30% e com elas gerando pânico.